

ESTADOS UNIDOS / A partir de quarta-feira, a Câmara dos Representantes será palco das primeiras audiências públicas do processo de impeachment contra Trump. Para especialistas, remoção do cargo depende de rebelião entre os senadores republicanos

Olhos no Congresso

» RODRIGO CRAVEIRO

Em frente às câmeras de televisão e ante eleitores republicanos e democratas presentes no Capitólio, figuras-chave no processo de impeachment prestarão seus depoimentos a partir de quarta-feira. As audiências públicas carregam forte expectativa. As denúncias contra o presidente Donald Trump, agora, terão rosto e voz. Caso a história se repita, a próxima fase da investigação contra o magnata pode ter impacto político impossível de ser desprezado. Em 1974, o então presidente Richard Nixon se viu obrigado a renunciar em meio ao escândalo Watergate e após as audiências públicas no Congresso dilapidarem sua taxa de aprovação de 67% para 24% e quase triplicarem o apoio público ao impeachment. As duas primeiras testemunhas no processo contra Trump, Bill Taylor (encarregado de negócios dos EUA na Ucrânia) e George Kent (alto funcionário do Departamento de Estado), confirmaram que o republicano condicionou uma ajuda militar à Ucrânia a uma investigação de corrupção contra o democrata Joe Biden, potencial adversário nas urnas.

Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Missouri, Frank O. Bowman III explica ao *Correio* que as audiências públicas fornecerão uma oportunidade para os cidadãos do país verem, em pessoa, depoentes que testemunharam em sessões fechadas no Comitê de Inteligência da Câmara dos Representantes. “Espero que as audiências públicas apresentem um caso sólido de abuso de poder cometido pelo presidente ao exigir que a Ucrânia realizasse investigações que o ajudariam politicamente”, afirma o autor de *High Crimes and Misdemeanors: A history of impeachment for the age of Trump* (“Altos crimes e delitos: uma história de impeachment para a era de Trump”).

Bowman acredita que, depois das audiências públicas, haverá novos testemunhos abertos e deliberações no Comitê Judiciário da Câmara em relação a artigos específicos de impeachment. “As acusações mais prováveis serão de abuso de poder e obstrução da investigação legislativa. Mas outros crimes podem ser considerados”, comenta. Segundo ele, se os artigos de impeachment forem aprovados pela Câmara, o caso passará ao julgamento do Senado. A condenação de Trump requer dois terços de maioria, ou 68 de 100 senadores. “Os republicanos detêm vantagem de 53 a 47 no Senado. Isso quer dizer que 20 republicanos teriam de votar contra Trump. Parece improvável que tantos o façam. Mas a política dos EUA se tornou tão polarizada que os fatos podem ter menor impacto do que a lealdade partidária.”

Persuasão

De acordo com o historiador Allan Lichtman, professor da American University (em Washington), as audiências públicas são importantes para persuadir os americanos sobre os “graves abusos de poder cometidos pelo presidente e, provavelmente, os crimes específicos de suborno, extorsão, violação das leis de financiamento de campanha e conspiração contra os Estados Unidos”. “Até o momento, nós apenas temos transcrições de depoimentos que a maioria das pessoas não irá ler. O testemunho ao vivo capacita a audiência a julgar a credibilidade das testemunhas e a acessar seus depoimentos de modo vívido, algo impossível com a palavra escrita”, destaca.

Lichtman reconhece que o inquérito de impeachment e o posterior julgamento no Senado, em caso de acusação na Câmara, terão impacto de desviar o foco das primárias democratas, previstas para fevereiro. Ele lembra que os democratas estão ferozmente atacando o presidente e unidos pelo impeachment. O historiador também não descarta uma derrota de Trump em um eventual

Mandel Ngan/AFP



O magnata republicano Donald Trump é acusado de pressionar o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, a investigar o democrata Joe Biden

» Republicano quer preservar informante

O parlamentar republicano Will Hurd se distanciou de Donald Trump e dos membros de seu partido ao considerar que o informante de identidade oculta não deve testemunhar em público. Os republicanos do Comitê de Inteligência da Câmara solicitaram ao seu presidente, Adam Schiff, a convocação do informante, que é integrante da comunidade de inteligência, para as audiências públicas referentes ao processo de impeachment. Hurd, um ex-funcionário da CIA, se manifestou ontem contra o pedido. “Acho que deveríamos proteger a identidade do informante. Como o vamos tratar impactará nos informantes no futuro. Ter essa lei de informantes é importante”, disse em entrevista à Fox News. Uma lei de 1989 protege funcionários do governo federal que reportem atividades ilegais, má administração, abuso ou perda de recursos.

Andrew Caballero-Reynolds/AFP



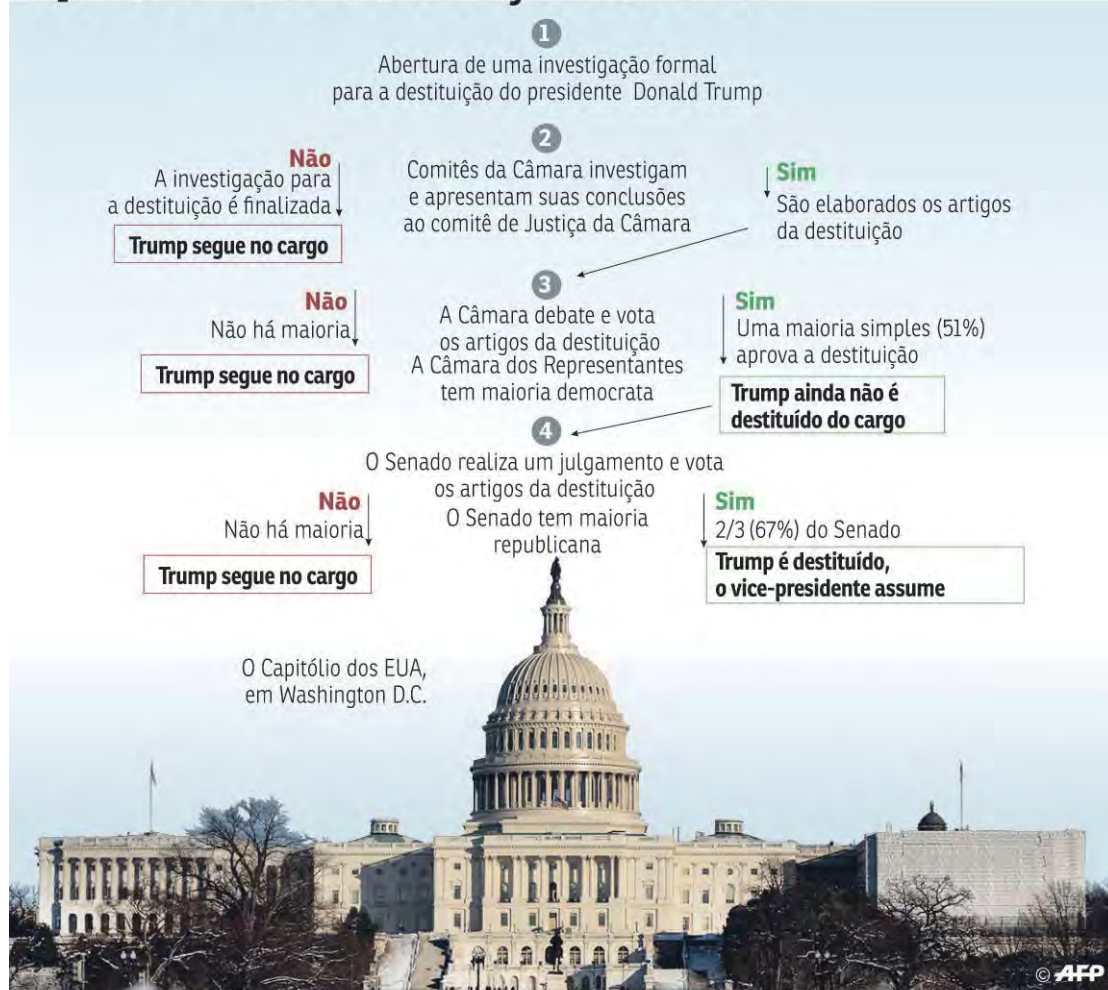
A atriz Jane Fonda (a segunda à direita) participa de ato a favor do impeachment, diante do Capitólio



Até o momento, nós apenas temos transcrições de depoimentos que a maioria das pessoas não irá ler. O testemunho ao vivo capacita a audiência a julgar a credibilidade das testemunhas e a acessar seus depoimentos de modo vívido”

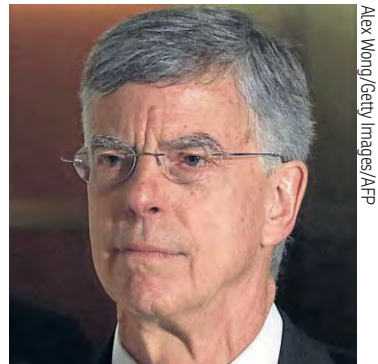
Allan Lichtman, historiador e professor da American University

O processo de destituição nos EUA



» Os primeiros depoentes

Quem são os protagonistas das audiências públicas na Câmara dos Representantes, entre 13 e 15 de novembro



William "Bill" Taylor, encarregado de negócios dos EUA na Ucrânia

Em depoimento a portas fechadas no Congresso, em 22 de outubro passado, Bill Taylor reforçou as suspeitas contra Donald Trump. Ele informou que Gordon Sondland, embaixador dos Estados Unidos na União Europeia (UE), deixou claro que Trump tinha vinculado a ajuda à Ucrânia à abertura de uma investigação no país europeu sobre o filho do democrata Joe Biden, membro do conselho de administração de uma empresa ucraniana. Sondland “me disse (...) que tudo estava relacionado a esse anúncio, incluindo ajuda financeira”, afirmou Taylor, segundo o *The Washington Post*.



George Kent, alto funcionário do Departamento de Estado norte-americano

Estava presente no infame telefonema de 25 de julho em que Trump exortou o seu homólogo ucraniano, Volodimir Zelenski, a investigar Biden. No mês passado, ele foi instruído a “se manter calmo” em assuntos ucranianos. Kent e colegas teriam reconhecido a impropriedade da campanha de pressão de Trump para realizar investigações com motivação política.

» Eu acho...

“Os fatos são suficientemente claros e sérios para que muitos republicanos desejem condenar Trump, ou pelo menos considerem fazê-lo. A polarização da política norte-americana e a prática de Trump de atacar cruelmente qualquer dissidente de seu partido tornam mais do que algumas poucas deserções republicanas bem improváveis.”

Frank O. Bowman III, professor de direito da Universidade de Missouri

“A Câmara decidirá pelo impeachment. A questão envolve quando e quais serão os artigos do impeachment. Eles irão além do escândalo na Ucrânia e abrangerão outras questões, como a obstrução da Justiça e o desrespeito ao Congresso. Os republicanos no Senado não estão prontos. Mas sua prioridade é a sobrevivência política. Se acharem que Trump os está derrubando, podem se voltar contra ele.”

Allan Lichtman, professor de história da American University